

A guerra impressa: apontamentos sobre a cobertura da Guerra do Paraguai nos jornais brasileiros

La guerra impresa: apuntes sobre la cobertura de la Guerra del Paraguay en los periódicos brasileños

Nilsângela Cardoso Lima

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora Associada I do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Maira Delmondes de Matos

Especialista em História do Brasil pela Faculdade Metropolitana (NEXUS) e mestranda em História do Brasil, com graduação em História, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

RESUMO

Considerado o maior conflito bélico da América do Sul por envolver o Paraguai e a Tríplice Aliança, a Guerra do Paraguai foi tão noticiada pela imprensa brasileira que os jornais das diferentes províncias foram utilizados como uma arma na disputa pelo poder, visando à consolidação do Brasil enquanto Estado-Nação unificado. Desse modo, o presente trabalho tem por interesse analisar a cobertura da Guerra do Paraguai nos jornais brasileiros no período compreendido entre 1864 e 1870. Para tanto, analisam-se os jornais *Diário do Rio de Janeiro*, *Correio Mercantil*, *Constitucional* e *A Imprensa*. Dada a relação da imprensa com a política no século XIX e o contexto da Guerra do Paraguai, o referencial teórico e metodológico adotado se baseiam em Traquina (1999), Sousa (2008), Sodré (1996), Araújo (2015) e Doratioto (2002).

PALAVRAS-CHAVE: Guerra do Paraguai; História da Imprensa; Brasil.

ABSTRACT

*Considerado el mayor conflicto bélico de América del Sur por involucrar a Paraguay y la Triple Alianza, la Guerra del Paraguay fue tan cubierta por la prensa brasileña que los periódicos de las diferentes provincias fueron utilizados como un arma en la disputa por el poder, con el objetivo de consolidar a Brasil como un Estado Nación unificado. De este modo, el presente trabajo tiene por interés analizar la cobertura de la Guerra del Paraguay en los periódicos brasileños en el período comprendido entre 1864 y 1870. Para ello, se analizan los periódicos *Diário do Rio de Janeiro*, *Correio Mercantil*, *Constitucional* y *A Imprensa*. Dada la relación prensa y política en el siglo XIX y el contexto de la Guerra del Paraguay, el referencial teórico y metodológico adoptado se basa en Traquina (1999), Sousa (2008), Sodré (1996), Araújo (2015) y Doratioto (2002).*

KEYWORDS: Guerra del Paraguay; Historia de la prensa; Brasil.

INTRODUÇÃO

O jornalismo ocidental no século XIX testemunhou e contribuiu para as transformações do seu tempo. Desde as primeiras folhas impressas, que circularam a fim de levar a informação para a sociedade, as notícias privilegiavam os acontecimentos considerados mais importantes. Ou seja, o acontecimento jornalístico é o que se distingue de uma infinidade de acontecimentos possíveis e se apresenta como notável, excepcional, digno de visibilidade. De acordo com Traquina (1999), ele pode ser definido como “[...] tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais [...]”.

Uma guerra, portanto, deve ser incluída nesta lista de acontecimentos notáveis que chamam a atenção dos jornalistas. Desde o século XIX, o jornalismo de guerra se torna relevante à medida que levava aos leitores de diferentes lugares do globo as informações sobre os horrores das batalhas travadas entre os países. Segundo Sousa (2008), as primeiras coberturas de guerras traziam nas páginas da imprensa as complicadas relações entre jornalistas, militares e políticos. Com as transformações das técnicas de produção jornalística e a introdução do telégrafo como uma tecnologia de transmissão mais rápida da informação, as notícias ganhavam novos impulsos e formatos com a pretensão de serem mais objetivas e imparciais.

Historicamente, a cobertura de guerra esteve sob o controle dos grupos de poder dos países que se confrontavam e atendia aos interesses dos mesmos. A linguagem jornalística beligerante, portanto, se tornava mais uma arena de disputa, onde a imagem do inimigo era utilizada para compor os limites do próprio pertencimento. Os discursos construídos e publicados pelos jornais guardam parte do es-

forço de legitimação do poder necessário em tempos de guerra.

É nesse cenário de tensionamentos que se destaca a cobertura da imprensa brasileira durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), que, envolvendo o Império do Brasil, as repúblicas da Argentina e Uruguai contra a pequena república paraguaia, foi o maior enfrentamento bélico vivenciado na América do Sul. Sob o manto da aparente unidade do Império, os jornais desempenharam papéis diversos na representação desse embate.

A imprensa foi utilizada tanto como ferramenta de propaganda para o recrutamento de homens para o campo de batalha e a legitimação do conflito, quanto para as manifestações de total desaprovação do empreendimento bélico. As páginas dos jornais tornaram-se, assim, um espaço para a batalha simbólica paralela àquela travada nos campos de guerra.

Partindo da compreensão de que as palavras são como armas de largo alcance tão importantes quanto a pólvora para manter uma guerra ou uma ideia dela e que “não é possível separar os agentes e seus atos dos discursos que eles têm de si próprios e dos inimigos” (ARAÚJO, 2015, p. 21), analisamos alguns jornais publicados em diferentes províncias do Império brasileiro, buscando perceber as convergências e discordâncias a respeito do encaminhamento dado pelo Brasil na Guerra do Paraguai.

A metodologia estabelecida para a análise dos jornais se fez a partir da pesquisa histórica em direção ao entendimento da imprensa brasileira e seus agentes na segunda metade do século XIX. Para tanto, foi necessária a consulta direta a periódicos publicados sobre a Guerra do Paraguai e que se encontram disponíveis no site da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Dentre os jornais encontrados e que tratam sobre a Guerra do Paraguai, foram selecionados os jornais *Diário do Rio de Janeiro*, *Correio Mercantil*, *Constitucional* e *A Imprensa* como material empírico da pesquisa, atendo-se às matérias que tratam sobre o conflito. Para a análise do *corpus* da pesquisa, recorreu-se a autores que estudam a imprensa brasileira e a Guerra do Paraguai, a exemplo de Doratioto (2002) e Araújo (2015); e sobre a teoria do jornalismo recorre-se a Traquina (1999) e Sousa (2008).

Nesta perspectiva, serão analisados os discursos sobre a Guerra do Paraguai, dando ênfase aos símbolos bélicos difundidos pelos jornais brasileiros, mas também a oposição ao conflito que se fez na imprensa.

UMA GUERRA SUBJUGADA

“Por onde for que se observe a década de 1860 é uma década de sangue”. São estas as palavras que Eric Hobsbawm (1998) utiliza para simbolizar um recorte temporal marcado por guerras. Os massacres, que, por vezes, significava a colisão de forças absurdamente desiguais, eram utilizados amplamente como política internacional de Estados ainda em formação, práxis potencializada por um capitalismo latente que agregava aos conflitos tecnologias bélicas inéditas, alterando sua mortalidade e também a circulação de notícias sobre eles.

No entanto, a Guerra do Paraguai não entrou para o rol dos grandes conflitos ao qual o autor se referia. Para Eric Hobsbawm (1998), o maior enfrentamento bélico testemunhado pela América do Sul não passava de uma guerra pré-tecnológica de práticas bélicas atrasadas, destacando-se apenas pela tamanha carnificina. Ao produzir a sua obra *Era do Capital*,

o pensador inglês não se atentou aos documentos existentes sobre a Guerra do Paraguai e nem ao que a imprensa dizia sobre ela, cometendo, portanto, o erro de negligenciar o conflito.

Francisco Doratioto (2002) ressalta que, no século XIX, a região da Bacia do Rio Prata era formada por Estados ainda indefinidos que convulsionavam em tensões em busca de legitimação para seus territórios e poderes. De certa forma, os embates já eram costumeiros e faziam parte do cotidiano político platino e, nesse contexto, os grandes diferenciais da Guerra do Paraguai foram a enorme proporção que os acontecimentos tomaram e as novas tecnologias bélicas empregadas em batalha.

De acordo com Luiz Octavio de Lima (2016), a quantidade de mortos pela Guerra do Paraguai chega ao impressionante número de “150 mil almas”, ficando marcada como a guerra mais mortífera que já ocorreu em solo Sul-americano. O enfrentamento bélico agregou tecnologias inéditas ao Exército Brasileiro, como a utilização de fuzis nos campos de batalha, algo que jamais acontecera nos conflitos no Prata. Além disso, houve o que é considerado pelas nossas Forças Armadas como o primeiro emprego militar da Aeronáutica na América do Sul: o uso de balões de espionagem para sondar o território paraguaio (LIMA, 2016).

Apesar de Squinelo (2002) afirmar que a Guerra do Paraguai é uma desconhecida entre nós, durante os seis longos anos nos quais se arrastou o conflito travado entre o Império brasileiro, Argentina e Uruguai contra a república paraguaia, os países envolvidos vivenciaram a disseminação de discursos impregnados pela lógica bélica, que visavam fomentar a identificação entre povos e bandeiras. A intensificação das narrativas aconteceu especialmente

pelo jornal, que passou a atender às demandas da guerra.

Não é objetivo deste texto esmiuçar a sucessão de rancores que levaram ao estopim daquela que ficou conhecida em solo paraguaio como *La Gran Guerra*, nem tampouco aprofundar a crítica às colocações de Eric Hobsbawm sobre o tema. No momento, será analisado o comportamento da imprensa a respeito da Guerra do Paraguai nas províncias de maior destaque político e econômico do Império brasileiro.

A GUERRA DO PARAGUAI NOS PERIÓDICOS

A historiografia produzida a respeito do comportamento dos jornais durante a Guerra do Paraguai nos dá a possibilidade de conhecer o período em sua complexidade, pois revela o contexto político da época, a situação econômica e a tentativa do Estado brasileiro de criar um ideal de patriotismo suficientemente forte para arregimentar homens ao campo de batalha. Essa variedade de percepções sobre o período do conflito se deve, em parte, a uma relativa liberdade de imprensa que vigorava no Brasil na década de 1860.

A Guerra do Paraguai aconteceu no período do reinado de Dom Pedro II, que possuía uma postura distinta do que a Coroa brasileira até então tinha adotado com relação à imprensa. O monarca procurou construir uma política de Estado de valorização da cultura nacional na qual a ideia de pertencimento e de unidade seria fomentada pelo trabalho de intelectuais na criação de símbolos para compor o imaginário de “nação”. Nesse contexto, a atuação dos correspondentes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) na construção de uma ideologia nacional e da imprensa periódica passou a ser apreciada, pois colaborava com os

interesses do Império (ANTÔNIO MATOS; CERQUEIRA, 2020).

O posicionamento mais tolerante do monarca sobre a atuação da imprensa deu ao jornalismo brasileiro maior espaço de movimentação. Não raros eram os periódicos que atacavam abertamente a figura do Imperador. As já costumeiras críticas ao modelo de governança logo se juntaram às pautas de desaprovação ao empreendimento bélico travado contra o Paraguai.

A imprensa brasileira era relativamente livre durante o reinado de Pedro II e, de acordo com Arnaldo Lucas Pires Junior (2019), nos dois primeiros anos da Guerra, tanto o Imperador como o movimento tiveram o apoio quase absoluto dos periódicos. O teor patriótico tomou de conta do jornalismo particular e estatal.

A crença na brevidade do conflito fez dele subsídio para fomentar a ideia de unidade nacional. No entanto, com o passar dos anos, os discursos publicados na imprensa brasileira se tornaram combativos em sinal de desaprovação ao empreendimento do Império nas fronteiras do Sul.

Johny Santana de Araújo (2015) descreve as narrativas jornalísticas dos primeiros momentos de Guerra da seguinte forma:

O discurso implementado pelo governo por via dos jornais visava à construção de uma identidade nacional, a qual estava ligada à questão geográfica. Esse discurso agregava a unidade territorial, como uma maneira de demonstrar a centralidade do poder monárquico, idealizado como sendo o elo de integração nacional do Império brasileiro em meio a instabilidade das Repúblicas latino-americanas (ARAÚJO, 2015, p. 76).

Em concordância com os ideais do Império circularam jornais de grande impacto, como o *Jornal do Commercio* (ARAÚ-

JO, 2025, p. 75). O periódico do francês naturalizado brasileiro, Pierre Plancher de La Noé, se tornou um dos mais importantes órgãos conservadores do Rio de Janeiro, atuando no cenário jornalístico brasileiro desde 1827 e se destacando na cobertura da Guerra do Paraguai por sua postura menos partidária e mais informativa (SODRÉ, 1994, p. 126).

Ao longo da Guerra do Paraguai, o *Jornal do Commercio* funcionou como instrumento do Império ao divulgar os posicionamentos do discurso oficial, além de publicar atos do Executivo, correspondências oficiais e debates entre parlamentares (RAMOS, 2015, p. 148).

Outro jornal de destaque no Rio de Janeiro, também redigido por um francês, foi o *Diário do Rio de Janeiro*, de M. Jourdan Ainé. Circulando desde 1821, o periódico se manteve em atividade até o fim da década de 1870, acompanhando todas as fases da Guerra do Paraguai. Órgão do Partido Conservador, o veículo superou os desentendimentos com a legalidade do início de sua carreira, quando as perseguições “extraoficiais” lhe renderam um atentado contra a sua tipografia (SODRÉ, 1966, p. 196).

Durante a guerra, o *Diário do Rio de Janeiro* desaprovou os jornais que faziam “mau uso do conflito”, ou seja, que direcionaram críticas às medidas militares para atingir determinados objetivos partidários ou macular a imagem do Imperador. A postura do periódico era firme. Mesmo com o desgaste dos anos em que a guerra foi se tornando um incômodo difícil de sustentar, os seus textos se mantiveram com caráter favorável ao Império, exaltando o comando do já consagrado herói de guerra, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias (RODRIGUES, 2009, p. 184).

Desde o momento em que o Duque de Caxias assumiu as tropas do Império, em

outubro de 1866, o *Diário do Rio de Janeiro* publicava mensagens fervorosas em apoio ao comandante: “invejar, foi sempre o primeiro a preconizá-la. Ele não fez tudo; mas seus antecessores e sucessores não fizeram mais que ele” (RODRIGUES, 2009, p. 184). O tom defensivo do jornal devia-se ao parecer negativo que rondava a guerra, pois a morosidade do Duque de Caxias em avançar contra o inimigo lhe rendeu grande desaprovação pública, apesar de seus esforços terem construído o caminho para a vitória.

Foi também no *Diário do Rio de Janeiro* que Machado de Assis deu seus primeiros passos na carreira de jornalista, em 1860 (SODRÉ, 1966). Durante a Guerra, as crônicas do intelectual carioca contribuíram para consolidar a imagem do presidente paraguaio, Francisco Solano López Carrillo, como símbolo da barbárie e do atraso que o Brasil precisava derrotar em nome da civilização.

Uma guerra carrega consigo a necessidade de comover. Mais do que apenas corpos aptos ao combate, ela reivindica o sentimento de pertencimento, especialmente, para que aquele que serve nos campos de batalha esteja disposto a morrer por causa da nação. Durante a Guerra do Paraguai, as crônicas de Machado de Assis visavam apresentar ao leitor toda a sorte de sentimentos patrióticos que o conflito exigia:

O folhetim precisa dizer o que pensa, o que sente, o que julga a respeito das últimas ocorrências naquela parte da América? Haverá acaso duas opiniões e dois sentimentos nesta questão nacional? Não há um só ponto de vista na apreciação das arlequinadas de López e Aguirre? O enunciado contém a resposta. Vinga-se atualmente no campo da ação a honra nacional. O valor do exército brasileiro não está fazendo as suas

provas; já as fez, já foi consagrado naquelas mesmas regiões. Nem a tarefa pode assoberbá-lo desta vez: para aquelas crianças traquinas, constituídas em nações, bastam a vergasta e a palmatória. A consciência da justiça que anima os nossos soldados, é já um penhor de vitória (ASSIS, Machado. Ao Acaso. Diário do Rio de Janeiro, ano. XLV, n. 2, p. 1 jan. 1865).

A narrativa de Machado de Assis publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, em janeiro de 1865, em exaltação ao poder bélico do Exército brasileiro pode ser vista como inocência fomentada pelo patriotismo do autor. No começo da Guerra, o Brasil contava com apenas 14.000 soldados, número que não chegava a alcançar nem um terço do que dispunha o exército inimigo (NUNES, 2007, p. 225). Além disso, até aquele momento, as tropas do Império ainda estavam armadas com equipamentos rudimentares, insuficientes para enfrentar os confrontos por vir. Logo, pode-se supor que os discursos que seguiam nas linhas escritas por Machado de Assis se amparavam mais no desejo de vitória do que na realidade dos fatos.

Outro importante jornal da Corte que acompanhou todas as etapas da Guerra do Paraguai foi o *Correio Mercantil*. Sob a redação de Francisco Otaviano de Almeida Rosa, o periódico começou a circular em 1848 e se manteve em plena atividade até dezembro de 1868 (SANTANA, 2021, p. 191). Desde o começo do confronto, o periódico dava ao leitor a possibilidade de conhecer o inimigo a partir de sua ótica, publicando na seção “Exterior” o que sabia da história política do Paraguai. Nesses textos, o povo paraguaio era descrito como sendo adestrado pela rédea da escravidão, posto que seu país era governado por uma sequência de ditadores desde a independência (GERUDE, 2019, p. 22).

Segundo Johny Santana Araújo (2015, p. 83), “À imprensa coube o papel de difusor do discurso governamental e das camadas que gravitavam ao seu redor”, no entanto, o posicionamento dos jornais em relação à Guerra não era unívoco, variando de acordo com a linha de pensamento político que assumiam. O *Correio Mercantil* é um bom exemplo da ambiguidade do jornalismo brasileiro. Por ser um veículo de larga tradição Liberal, modifica drasticamente seu posicionamento a respeito da Guerra a partir da entrada de Caxias no campo de batalha, pois o experiente comandante militar era um conservador nato.

A mudança da postura do *Correio Mercantil* sobre a Guerra do Paraguai se deve, em parte, à incompatibilidade política entre o periódico e a figura do comandante Duque de Caxias, mas também aos altos custos do conflito. Os gastos bélicos levaram o Império a uma grave crise econômica, pois o confronto não cessava de consumir armas e homens. A fase dispendiosa da batalha alimentou uma imprensa de acusação da qual o *Correio Mercantil* fez parte. Ao longo do conflito vários periódicos passaram a questionar a conduta do Império brasileiro, engrossando um coro de indagações sobre a real necessidade da manutenção daquela Guerra.

Os guardas arrancados às suas famílias, cujo amparo único eram, e que escaparem do açougue do Paraguai, não de voltar mutilados a fim de dar o edificante espetáculo de mendigar da caridade pública o pão cotidiano, e não de alcançar da generosidade do governo brasileiro a pensão de 400 rs. Os beneméritos comandantes que cá ficarão no quartel da saúde, serão condecorados em resposta as justas arguições feitas pela imprensa (POLINERY. Guarda Nacional. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano XIII, nº 310. p. 2. nov. 1866).

Nas páginas do *Correio Mercantil*, o empreendimento da Guerra deixava de ser a cruzada civilizadora do Império para representar uma carnificina egoísta, da qual muitos soldados voluntários voltariam amputados e sem renda. Segundo Francisco Doratioto (2002), o referido periódico alertou, em suas publicações, sobre o despreparo das tropas brasileiras na tentativa de recuperar as terras da província do Mato Grosso, invadidas em 1864 pelo Exército paraguaio.

O autor destaca que o periódico mencionava a qualidade dos navios de Assunção, capital do Paraguai, além de citar que o inimigo possuía bom exército e artilharia, indicando que as forças brasileiras deveriam dispor, no Rio Paraguai, de “umas quatro canhoneiras encouraçadas” para dar suporte a futuras batalhas (DORRATIOTO, 2002, p. 98).

O teor acusatório contra as medidas bélicas tomadas pelo Império que a narrativa do *Correio Mercantil* levantava não era exclusividade desse periódico. Questões sobre o prejuízo econômico, convocação de voluntários e atrasos no pagamento dos combatentes eram discutidas abertamente pelos jornais, sendo alguns deles criados com a intenção de fomentar a crítica.

O jornalismo de oposição que tomava corpo teve na imprensa ilustrada um importante suporte. De acordo com Arnaldo Lucas Pires Junior (2019), a ilustração ganhou relevo na imprensa brasileira da segunda metade do século XIX, em especial na década de 1860, quando as tecnologias de litogravura e xilogravura chegaram a mais tipografias.

Nelson Werneck Sodré (1966) ressalta que a primeira litografia do Brasil data de 1826 e nasceu sob os auspícios da Coroa, sendo uma organização régia assim como a primeira escola do ofício de litógrafo

administrada pelo suíço Johann Jacob Steinmann, que ensinou sua arte aos soldados do 27.º Batalhão de Estrangeiros. Nesse momento inicial, a litogravura serviria apenas aos interesses da Coroa.

Com a popularização da técnica de xilogravura e acesso aos processos de litogravura, o visual da guerra se impôs ao olho humano. Os periódicos ilustrados traziam representações do campo de batalha, além de imagens escarnekedoras do inimigo e de figuras importantes no cenário político brasileiro, incluindo o próprio Imperador. Considerando que a realidade do Império era atravessada pelo analfabetismo, podemos entender a importância que as ilustrações adquiriram para o jornalismo, posto que ampliaram sua capacidade de comunicação.

Parte da trajetória da imprensa ilustrada no Brasil pode ser pensada por meio da figura de Ângelo Agostini. Italiano de origem chegou ao país com 16 anos e ao longo de sua vida retratou por meio da arte o que considerava contraditório e injusto na sociedade brasileira.

O começo de sua atuação como jornalista coincide com o estopim da Guerra do Paraguai, em 1864, quando, ao lado do abolicionista Luiz da Gama, inaugura em São Paulo o periódico *O Diabo Coxo* (PIRES JUNIOR, 2019). Apesar de ter circulado por apenas um ano, o jornal ilustrado de Ângelo Agostini é um marco na imprensa ilustrada por seu teor reivindicatório, característica que acompanharia toda a trajetória do artista no jornalismo brasileiro.

Em 1866, Ângelo Agostini continua o trabalho que havia iniciado com *Diabo Coxo*, mas na direção do periódico *O Cambrião*. Não por acaso, o jornal teve vida curta no cenário da imprensa paulistana. Além de incomodar despidoradamente a elite e o clero paulista, O

Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro Luís, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Nabuco, Bernardo Guimarães, etc. Teve como correspondentes na guerra com o Paraguai a Joaquim José Inácio, futuro visconde de Inhaúma, Luís von Hoonholtz, futuro barão de Tefé, Alfredo d'Escagnolle Taunay (SODRÉ, 1966, p. 226).

A publicação, que contava com grandes nomes da política, literatura e jornalismo brasileiro, fez uso de suas litogravuras para propagandar a ideia de “nação”, empregando personagens para representar a unidade do povo brasileiro de forma romântica e fantasiosa:

Fleiss criou a jovem Índia Brasília, idealizada como representante da nação brasileira, modelo de patriotismo tão em evidência naquele momento de romantismo indianista, de poesia participante. Ele criou ainda personagens protagonistas de sua revista: o Doutor Semana, narrador dos episódios da semana, branco, cabeça avantajada, vasta cabeleira e corpo franzino; e o Moleque, seu auxiliar, negro, esbelto, trajando libré. Todos representativos de formas de relacionamento de uma sociedade escravocrata (TELLES, 2010, p. 40).

A retórica da *Semana Ilustrada* era de apoio ao Império de modo que tanto as litogravuras quanto as fotografias utilizadas por ela visavam legitimar o acontecimento da Guerra, retratando o conflito como uma luta civilizatória. Logo, o inimigo era desenhado como incivilizado ao ponto de ser animalesco: cachorros, macacos e escravos eram figuras usadas para representar os soldados paraguaios.

A revista de Fleiss tinha certa singularidade no modo de produzir jornalismo na época. Nela, as notícias estavam organizadas por meio de editoriais, além de se propor a fazer a cobertura completa do teatro da guerra, proporcionando aos seus leitores textos, artes e fotografias do que

acontecia nas fronteiras do Sul do Império. Mas havia também as publicações de iniciativa estatal, que pretendiam divulgar a Guerra e a ideia de “unidade nacional”, como o *Paraguai Ilustrado*, revista que desde a primeira publicação retratou o inimigo platino com escárnio e virulência (PIRES JÚNIOR, 2029).

José D' Assunção Barros (2023) alude que todo jornal, a não ser que seja um jornal de humor, ampara-se na possibilidade de inspirar e manter em seus leitores a viva convicção de que ali se fala efetivamente da realidade, como um retrato fiel e não comprometido por parcialidades. No entanto, é possível constatar que no período da Guerra do Paraguai, mesmo no jornalismo ilustrado de humor satírico e grotesco, como o da revista *Paraguai Ilustrado*, existia a pretensão da “verdade”. Acreditar que o inimigo platino concentrava toda torpe e maldade existente fazia parte dos esforços em prol do êxito da guerra.

As representações da Guerra do Paraguai não se restringiam à Corte, considerando a batalha simbólica que se espalhou pelas demais províncias do Império. O conflito, que foi dispendioso em toda parte do país, foi ainda mais caro para as províncias brasileiras do Sul, pois suas fronteiras se transformaram em trincheiras de guerra. Na província do Rio Grande do Sul, o periódico *Sentinela do Sul* trouxe aos gaúchos uma narrativa ilustrada da Guerra, com xilogravuras empregadas tanto para detalhar as notícias como para retratar ficções baseadas na Guerra (SCHÄFER, 2012).

Por ter suas fronteiras próximas ao território inimigo, se tornando uma trincheira imediata no conflito, a província do Rio Grande do Sul cedeu cerca de “33.803” almas para o teatro da Guerra (DORRATIO, 2002, p. 460). Entretanto, não deixou

de ter alguma expressão no jornalismo de oposição ao conflito, tal como acontecia nas demais províncias do Império.

Em 1868, o periódico gaúcho *O Espetacular* fazia alusão aos gastos da Guerra e as dificuldades enfrentadas pelas tropas brasileiras nos acampamentos de militares, afirmando: “À medida que vai se prolongando essa guerra nefasta, que nos custa o melhor de nosso sangue, também se tornam patentes, os vícios orgânicos do sistema, até hoje empregado em sua direção” (SCHÄFER, 2012, p. 201). Mesmo em periódicos que se mostraram favoráveis ao conflito no começo, como o *Arcádia* ou o próprio *Sentinela do Sul*, podem ser encontradas críticas quanto à duração da Guerra, ainda que de maneira mais cautelosa.

Já em relação à província do Paraná, destacamos que as atividades de imprensa começaram com certo atraso. Apenas em 1853, sob iniciativa de Zacarias Góes de Vasconcelos, é que chega a primeira máquina tipográfica a Curitiba. No dia 1º de abril de 1854, começa a funcionar, sob comando de Cândido Martins Lopes, a “Typographia Lopes”, responsável por publicar o primeiro periódico da província, *O Dezenove de Dezembro*, que se manteve atuante até o começo da década de 1890.

Por seu caráter estatal, recebendo inclusive verbas da presidência da província, o jornal *Dezenove de Dezembro* é um importante ponto de observação da representação oficial que o Império pretendia dar à Guerra do Paraguai (BRITO, 2011). Com o conflito, o periódico deixa de publicar apenas a prestação de contas dos expedientes do governo provincial para noticiar os acontecimentos da guerra e amenizar os possíveis desconfortos do momento.

O principal periódico da Província o *Dezenove de Dezembro*, noticiava em suas páginas notícias da Guerra obtidos do *Jornal do Comércio*

do Rio de Janeiro. As derrotas e o sofrimento dos soldados apareciam de forma escamoteada, mas mesmo assim tinha-se notícia dos horrores que um eventual recrutamento poderia causar. Junto com tais notícias, o periódico da capital, com edições na quarta e no sábado procurava a todo custo mostrar a bravura dos soldados paranaenses diante da adversidade. Desta forma, além do comentário geral, a população informava-se do cotidiano do conflito (BRITO, 2011, p. 119).

É importante ressaltar que, mesmo com a extensa duração da Guerra do Paraguai, apenas duas províncias brasileiras foram palco de batalhas: Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Em 1864, após o sequestro do Vapor Marquês de Olinda, o Exército paraguaio invade a província do Mato Grosso, fazendo dela notícia nas demais regiões do Império. Embora a província mato-grossense tenha recebido os primeiros impactos da Guerra, boa parte dos estudos direcionados à ligação entre imprensa e guerra na região está voltado ao episódio da retirada de Laguna, ou mais especificamente à escrita do Visconde de Taunay sobre ele.

Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay participou da marcha do Exército brasileiro em direção à fronteira do Império com o Paraguai com o intuito de recuperar o território mato-grossense ocupado pelo inimigo e, finalmente, adentrar em território paraguaio (PIRES JUNIOR, 2019). A missão enfrentou enormes dificuldades, pois os componentes do pelotão ficavam para trás tomados por doenças ou alcoolismo (SILVA, 2014).

Os soldados brasileiros foram, então, vencidos pelo vasto território desconhecido ao qual se lançavam. A escassez de remédios e suprimentos e os constantes ataques paraguaios durante a longa travessia levaram o pelotão a abandonar

parte do seu contingente, que estava debilitado, na altura de Laguna no Paraguai, onde foram assassinados pelas forças inimigas. O Visconde de Taunay transformou esse fracasso militar do Exército brasileiro em parte da narrativa de sacrifício pela pátria, lançando no pós-guerra um livro memorialista sobre a empreitada rumo ao Mato Grosso, o seu *A Retirada de Laguna*.

Apesar do aparente vazio historiográfico sobre a atuação do jornalismo mato-grossense durante a Guerra do Paraguai, a província contava com relevante atividade de imprensa na década de 1860. Concomitante à Guerra, circulava na província do Mato Grosso os jornais *A Imprensa de Cuyabá*, *A Voz da Verdade*, *O Cuiabano*, *O Popular* e *A Situação*, (JUCÁ, 2009).

A respeito do que se passava mais ao centro do país, Nelson Werneck Sodré (1966) traz as seguintes reflexões sobre a imprensa paulista no período da Guerra do Paraguai:

Estava em meio à guerra com o Paraguai. S. Paulo era ainda uma cidade estudantil onde, em 1865, os acadêmicos ensaiavam os seus desabafos em jornais e revistas de pouca circulação, como, nesse ano, *A Independência*, órgão redigido por dois jovens estudantes, Rui Barbosa, Castro Alves, além de outros (SODRÉ, 1966, p. 240).

De acordo com Nelson Werneck Sodré (1966), a guerra inflamou outros debates que já eram pautas na imprensa paulista. Discutia-se a crise econômica devido à baixa nos preços do café e a excessiva dependência ao capital estrangeiro nas relações comerciais e financeiras, mais precisamente ao português, já que àquela altura os lusos ainda controlavam parte do tráfego de mercadorias e estavam à frente de casas financeiras.

A Guerra acabou por agravar uma crise econômica que já se arrastava no país, sendo essa situação, muitas vezes, retratada no jornalismo como uma continuidade, fruto de conjecturas antigas e não resultado exclusivo do estado de guerra vivenciado pelo Império.

Na província de São Paulo, que chegou a enviar 6.504 voluntários para o campo de batalha (DORATIOTO, 2002, p. 460), um dos periódicos de maior destaque foi o *Correio Paulistano*, de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, que surgiu em 1854 com ideias liberais. O periódico não desaprovou o conflito, mas trouxe sempre uma visão crítica dos acontecimentos.

O *Correio Paulistano* não deixou de exaltar o patriotismo paulista quando foram enviados os primeiros corpos de batalha daquela província para o teatro da guerra, exclamando na edição de 30 de março de 1865: “Porque ações como essas, do mais significativo amor à pátria, contam os nossos bellos [sic.] fastos mais de uma. Honra aos habitantes de São Paulo” (SOUZA FILHO, 2018, p. 175). No entanto, com o correr dos anos e o desgaste da imagem pública do conflito, o periódico passou a questionar a real necessidade da manutenção daquele tão custoso empreendimento bélico.

Enquanto isso, na província mais populosa do Império, Minas Gerais, o jornal conservador denominado de *Constitucional* bradava contra a Guerra do Paraguai (PIRES JUNIOR, 2019). Como ressalta Cesar Eugênio Macedo de Almeida Martins (2009), a província de Minas Gerais, assim como as demais, tinha acesso a Guerra por meio dos jornais, cuja informação veiculada atendia muito mais aos interesses ideológicos dos proprietários dos órgãos de imprensa do que a responsabilidade de noticiar os acontecimentos de forma objetiva e imparcial.

Considerando que nos primeiros anos da Guerra do Paraguai o Brasil esteve sob o comando dos gabinetes liberais de Francisco Furtado, Pedro Araújo Lima e Zacarias Góes, é possível compreender a postura do jornal conservador *Constitucional*. Cada fracasso da Guerra era representado no jornal como consequência da corrente Liberal que se instalara no Império. Na província de Minas Gerais, os liberais estavam representados nos “governos de Joaquim Saldanha Marinho e José da Costa Machado de Sousa” (ACHTSCHIN SANTOS, 2013, p. 249).

O *Constitucional* ampliava sua postura antiliberal aos demais periódicos mineiros, acusando a imprensa Liberal da província mineira de ser desonesta quanto a real situação das tropas do Império nos campos de batalha:

Sem fé no futuro, sem crenças nos representantes do poder, comprometido no estrangeiro, arruinado em suas finanças, sustentando uma guerra barbada, mas hoje de indeclinável necessidade, e que infelizmente tem tomado proporções assustadoras, o Brasil nunca precisou tanto quanto agora de uma linguagem franca d'aquelles seus filhos, que sinceramente se inspirarão no seu bem estar. Ainda bem que o Constitucional mostrando-se fiel ao sectário d' estes princípios tem feito partir de suas columnas raios de muita luz a manifestarem o lastimoso e verdadeiro estado do paiz. Isto era preciso. Os gazeteiros officiais semelhantes a López, plágios do systema convertem em victorias no papel as derrotas sofridas no campo de batalha [...]. (GUIMARÃES, Bernardo. O ERMITÃO DE MUQUEM: História da fundação. Constitucional. ano. 1, n. 08 p. 1, 2 out. 1866)

A imprensa do sistema a qual o *Constitucional* se referia estava relacionada di-

retamente à atuação do periódico liberal *Diário de Minas* naquela província. O jornal transcrevia notícias dos periódicos da Corte, como o *Jornal do Comércio* e o *Diário do Rio*, além de reforçar a importância da participação mineira na guerra, amenizando, dessa forma, o horror do recrutamento forçado (ACHTSCHIN SANTOS, 2013). As divergências dos periódicos *Jornal do Comércio* e *Diário do Rio* se limitavam ao encaminhamento que o Império dava ao conflito. Ambos narraram Solano López e seu exército como causadores dos males daqueles tempos de guerra.

Contudo, a guerra e suas narrativas não se limitaram à Corte e às províncias do Sul do Império. Com exceção ao Rio Grande do Sul, que disponibilizou 33.803 soldados em prol da guerra, a Bahia foi o lugar de onde mais voluntários partiram para o enfrentamento, contabilizando um montante de 15.197 homens entre voluntários e guardas nacionais (DORATIOTO, 2002, p. 460).

De acordo com Francisco Doratioto (2002), na província baiana, desde o começo da guerra, o fluxo de voluntários foi tão grande que lotou quartéis e outros edifícios públicos da capital, Salvador. Além do número atípico de alistamentos, a elite local contribuiu com somas que alcançaram 200:000\$000 para o financiamento da guerra.

Tal entusiasmo pode ser explicado pelo fato de o poder provincial baiano estar alinhado aos interesses do Império naquele momento. A província estava sob o comando do Partido Liberal, representado nas figuras de João José Barbosa, deputado entre 1864 e 1868, e Luís Antônio Barbosa de Almeida, presidente da província entre 1864 e 1865 (REGASSON, 2021). Além do mais, é preciso recordar que existia a crença de que a vitória era coisa certa e rápida. Logo, havia o entendimento de

que aos corajosos que atendessem ao dever pátrio restariam as bonanças prometidas pelo Império.

Circulavam em Salvador, durante o período da Guerra do Paraguai, diversos periódicos. A cidade, que fora a antiga capital colonial do país, foi também um dos nascedouros da nossa imprensa. Mas aqui daremos atenção especificamente a dois periódicos baianos: o *Jornal da Bahia*, de 1856, e *O Alabama*, de 1862. Tais jornais nos interessam por manterem posturas opostas em relação à Guerra, sendo uma amostra parcial dos movimentos da imprensa baiana.

Desde o começo do conflito, *O Alabama* denunciava os excessos de violência e abusos de poder no recrutamento de homens para o campo de batalha. Enquanto isso, o *Jornal da Bahia*, de caráter Liberal, panfletava ao povo baiano sobre a guerra, ressaltando que, se em outras províncias havia o receio de não atingir a meta de voluntários, o mesmo não acontecia na Bahia, onde “por toda parte se tem manifestado” interesse em servir à pátria (RODRIGUES, 2001).

Segundo Marcelo Santos Rodrigues (2001), os movimentos da imprensa baiana eram regidos pelas mesmas facções políticas que disputavam o controle do Império, Liberais e Conservadores. Para o autor, não havia diferença drástica entre as duas vertentes de pensamento, sendo as cisões, principalmente no âmbito provincial, estabelecidas por divergências familiares e interesses pessoais. Como os liberais estavam no comando, os jornais conservadores atacaram a guerra, mas o deixaram de fazer em 1868 quando o Partido Conservador voltou ao poder.

O cenário desolador do teatro da Guerra se tornava visível por meio da narrativa da imprensa, mesmo nas províncias do Império mais distantes das fronteiras do Sul. A Província do Piauí, localizada no

Nordeste do país, é exemplo dessa lógica, pois apesar de estar geograficamente longe do campo de batalha, a guerra se fazia presente no cotidiano dos piauienses pela propaganda empreendida pelos periódicos locais.

Assim como o Império, o Piauí estava sob o comando do Partido Liberal quando estourou a Guerra, representado na pessoa do presidente da província, Franklin Américo de Meneses Dória, que se manteve no poder de maio de 1864 a março de 1866 (NUNES, 2007). Os liberais piauienses divulgavam suas ideias e propagandavam pela “causa da nação” por meio do periódico *A Imprensa*. Veículo do Partido Liberal, o jornal contava com a colaboração de figuras importantes do cenário político provincial, como Deolindo Moura e David Caldas, que, além de redatores do periódico, alternavam cargos na administração pública do Piauí.

Já os conservadores estavam representados no jornalismo pelo periódico *O Piauí*, do Partido Conservador fundado em 1867, e direção do jovem Antonio Coelho Rodrigues, que havia regressado à Província do Piauí no ano anterior após concluir seus estudos na Faculdade de Direito do Recife (MATOS, 2019).

Assim como nas demais províncias, a Guerra do Paraguai é representada nos periódicos piauienses pelo prisma das relações políticas locais e estas refletiam as cisões do Império. Logo, os jornais liberais e os conservadores davam ao acontecimento da Guerra diferentes tons de narrativa, por vezes ácida ou ufanista, mas em nenhum deles o Paraguai de López deixou de ser caracterizado como sinônimo da barbárie que se opunha à “nação civilizada” do Brasil. Se a ideia inicial de uma luta breve foi superada pelos anos de conflito, a intenção de usar a imagem da Guerra como base na construção da “uni-

dade nacional” permaneceu até o último dia de combate.

CONSIDERAÇÕES

Após análise de alguns jornais que circularam no Brasil durante a Guerra do Paraguai, verifica-se o papel da imprensa na construção da ideia de nação e para atender aos interesses dos grupos de poder que se encontravam nas diferentes províncias. Divididos entre conservadores e liberais, os discursos produzidos sobre o conflito deixam as marcas das posições políticas e ideológicas de cada órgão e isso se refletia diretamente na abordagem dos acontecimentos que saíram publicados na forma de notícia.

Compreendendo que os jornais comunicam ideias e valores de uma determinada época, eles colocam em perspectiva os horizontes de expectativa de cada sociedade. Sendo o jornal um produto cultural, ele precisa ser observado levando em consideração os fatores de seu tempo, tal como a ligação da imprensa com os parti-

dos políticos e o papel de porta-voz daqueles que o financiavam.

Em relação às narrativas sobre a Guerra do Paraguai, percebemos que o fator político que norteava as províncias, ou os redatores por trás dos textos, contavam muito mais para a representação que seria dada ao conflito do que os acontecimentos propriamente ditos.

Aliado a outras tecnologias bélicas utilizadas na Guerra do Paraguai, o jornal figurou com um importante papel para o Império brasileiro. Para além da circularidade das notícias, ressaltamos que mesmo os periódicos contrários ao esforço da guerra contribuíram para compor um ideal de nacionalidade, posto que a partir do confronto éramos “nós em oposição a eles” (MATOS, 2019).

Enquanto as armas fomentaram baixas, os discursos materializados nas páginas dos jornais eram utilizados como instrumento de manipulação, validando o esforço de guerra do Império como forma de justificar o sangue derramado.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Johny Santana de. *Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império: a propaganda nos jornais piauienses e a mobilização para a Guerra do Paraguai 1865-1866*. - 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

AO ACASO: Crônicas da Semana, Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, de 1864 a 1865. Disponível: https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/58_2661c528c-c6a04510138db04073d221e

BALABAN, Marcelo de. *Poeta do lápis: a trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial, São Paulo e Rio de Janeiro, 1864-1888*. Tese (doutorado em História). Programa de pós-graduação do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

BRITO, Edilson Pereira. *A serviço da pátria: o recrutamento militar na Província do Paraná durante a Guerra do Paraguai 1865-1870*. Dissertação (mestrado em História Cultural). Programa de pós-graduação em História Cultural da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

BARROS, Jerônimo Duque Estrada de. *Impressões de um tempo: a tipografia de Antônio Isidoro da Fonseca no Rio de Janeiro (1747-1750)*. Dissertação (mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012 .

BARROS, José D' Assunção. *O jornal como fonte histórica*. 1. ed. Petrópolis, RJ: 2023.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2ª edição – São Paulo: Contexto, 2010

DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: Nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GERUDE, Bernardo Saldanha da Gama de Paiva Coelho Freitas. *A Guerra do Paraguai na imprensa ilustrada carioca A construção dos heróis e vilões*. Monografia (licenciatura em História). Graduação em História da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2019.

HOBBSAWM, Eric, 1982. *A Era do Capital, 1948-1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra; 1998.

LIMA, Luiz Octavio de. *A guerra do Paraguai*. 1ª edição - São Paulo : Planeta, 2016.

LIMA, Vivaldo da Costa. O Alabama. *Revista da Bahia* 17-18, nº 15 1989-1990. Trecho disponibilizado pela Revista Eletrônica Da Biblioteca Virtual Consuelo Pondé, 2016. Disponível: <http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?documento=documento-o-alabama-periodico-critico-e-chistoso>

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. 2ª edição – São Paulo: Contexto, 2012.

MARTINS, Cesar Eugênio Macedo de Almeida. *A dinâmica do recrutamento militar na província de Minas Gerais: mobilização, conflito e resistência durante a Guerra do Paraguai 1865-1870*. Dissertação (mestrado em História). Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009.

MATOS, Maira Delmondes de. *A palavra e o conceito: a forja de conceitos políticos e sociais nos discursos do periódico político A Imprensa (1865- 1889)*. Monografia (licenciatura em História). Graduação em História da Universidade Federal do Piauí. Picos, 2019.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a História do Piauí: lutas partidárias e a situação da Província*. Em busca de organização: escola e trabalho. 1ª edição – Teresina: FUNDAPI; Fundação Monsenhor Chaves, 2007.

REGASSON, Bruno Veçozz. *O liberalismo de Rui Barbosa entre o Império e a República*. Dissertação (mestrado em Ciência Política). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2021.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A imprensa da independência e do primeiro reinado: engajamento e mercado. Intercom. *V Congresso Nacional de História da Mídia* – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0199-1.pdf>

RODRIGUES, Marcelo Santos. *Guerra do Paraguai: caminhos da memória entre a comemoração e o esquecimento*. Tese (doutorado em História Social). Programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Marcelo Santos. *Os (in)voluntários da pátria na Guerra do Paraguai*. Dissertação (mestrado em História). Programa de pós-graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2001.

SANTANA, Nilvânia de Souza. O Rio de Janeiro oitocentista sob a perspectiva do Correio Mercantil. *Contraponto - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI*. Teresina, v. 10, n. 2, jul./dez. 2021. Disponível: <https://ojs.ufpi.br/index.php/contraponto/article/download/13747/8357>

SANTOS, Márcio Achtschin. *O imaginário e a identidade política regional construídos pela imprensa mineira no século XIX*. Tese (doutorado em História). Programa de Pós-graduação de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.

SCHÄFER, Gabriel. *A Guerra do Paraguai na imprensa do Rio Grande do Sul: apoio e crítica nos discursos sobre a guerra*. Dissertação (mestrado em História). Programa de pós-graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2012.

SILVA, Leonardo de Oliveira. *Armas do Império: Guerra do Paraguai e literatura do Brasil*. Dissertação (mestrado em Letras). Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA FILHO, José Atanásio de. *Cruzando os caminhos do passado: história, sociedade e literatura na participação de Goiás na guerra do Paraguai*. Tese (doutorado em História). Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2018

SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história breve do jornalismo no Ocidente*. Biblioteca On-line de Ciência da Comunicação, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>.

TRAQUINA, Nelson. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999.

TELLES, Angela Cunha Motta. *Desenhando a nação: revistas ilustradas do Rio de Janeiro e Buenos Aires nas décadas de 1860 – 1870*. Brasília: Fundag, 2010.